

A SOMBRA DA IMAGEM

Comentário ao ensaio fotográfico de Marcus Vinícius Nascimento Negrão



Carolina Junqueira dos Santos

Universidade de São Paulo

Adentramos a sombra fotográfica de encontro a dois corpos, dois meninos. Eles portam baldes e ferramentas, riem deliciosamente ao lado do túmulo, diante de um muro marcado pelo tempo. Flores de plástico presas à cruz, cruz que se sobrepõe a uma outra cruz, com mais flores trançadas em sua materialidade que não acaba, que não morre, que se perpetua como imagem para que o vínculo entre vivo e morto não se desfaça.

Logo depois, também dois corpos, dois homens. Com seus braços e ferramentas, demarcando espaço, demarcando as fronteiras que separam os seus corpos do corpo morto, o vivo estabelecendo limites, mas, com o mesmo gesto, fazendo se aproximar o ausente, aquele que está à margem, tornado presente pelo corpo vivo.

Mãos, gestos. O que vejo nessas fotografias é o corpo do vivo, corpo que estabelece um novo lugar para o morto, que lhe produz um novo corpo – feito de pedra, cimento, cruz, velas, flores –, que lhe demarca um lugar, *aqui jaz*, aqui está, aqui permanece, aqui me coloco diante dele, para que permaneçamos juntos, em contato, presentes um para o outro. Cuidar do túmulo é cuidar do corpo, do elo amoroso. Vejo as mãos, muitas mãos, vejo velas, vejo flores, vejo areia, cimento, vejo a luz, vejo a escuridão, os rostos, mas sobretudo as mãos.

Iluminar os mortos é lançar a sombra aos vivos, deixar que caia a noite, que o vivo se apague no corpo escuro do mundo, para abrir espaço ao invisível, ao não-corporificável, ao não-localizável, fazer do corpo vivo uma escuridão para acender o morto, para evocá-lo em sua matéria afetiva e intangível.

Na última imagem, dois corpos de mulheres. Corpos feitos de sombra, iluminados pela luz que emana do morto. Elas sorriem, docemente, e olham em direção àquilo que não se dá a ver. *Arrumar, iluminar, confraternizar*. Assombrados, os corpos dos vivos se fazem presente.